
- **GRAMÁTICA IV**

Coordenador(a): *Antônio Suárez Abreu*

O PREENCHIMENTO DO SUJEITO NA FALA DO ARAGUAIENSE

Gislaine Aparecida de Carvalho (UNEMAT)

Este trabalho, que se insere no âmbito de pesquisas da Variação e Mudança Lingüísticas, investigou o preenchimento versus não-preenchimento do sujeito na fala do araguaiense. Para

tanto, foram selecionadas variáveis sociais e lingüísticas, em um corpus constituído por 24 entrevistas. Constatou-se o alto índice de sujeitos preenchidos. Também foi identificado o preenchimento de sujeitos correferentes em orações 2as coordenadas, contexto atípico tanto para línguas de sujeito nulo quanto para línguas de sujeito preenchido. Essas evidências corroboram o adiantadíssimo processo de mudança do português brasileiro: de língua de sujeito nulo para língua de sujeito preenchido.

A EXPRESSÃO DO TEMPO FUTURO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DOS SÉCULOS XIX E XX

Ester Cardoso da Silva (UNESP)

Uma tendência observada no português brasileiro é a transformação de fatos da língua expressos pela forma sintética em formas analíticas. Esse trabalho pretende estudar tal fenômeno tendo como objeto de pesquisa a realização do tempo futuro.

As formas sintética e analítica do tempo futuro parecem ter convivido e concorrido entre si desde o latim, sendo que a forma derivada do latim vulgar, ou seja, a analítica, como apontam estudos da língua falada, tem tido maior expressividade no momento atual do português brasileiro.

O verbo *haver* + *de* + infinitivo e o verbo *ir* + infinitivo são utilizados para exprimir o futuro na forma analítica, sendo que o auxiliar *haver* parece ter tido maior expressividade em outros momentos da língua e, agora, está reservado a contextos formais. A forma futura expressa pelo auxiliar *ir* + infinitivo, entretanto, vem sendo empregada na língua nos mais variados contextos, concorrendo, assim, não apenas com a forma sintética como também com as formas que empregam o verbo *haver*.

O corpus de análise compõe-se de textos jornalísticos, em especial anúncios, notas sociais e notícias esportivas. A adoção desse corpus fundamenta-se na idéia de que a análise de textos não literários e menos formais, pode fornecer dados reveladores sobre o vernáculo das épocas estudadas.

Os dados estão sendo analisados conforme os seguintes grupos de fatores: forma de realização (sintética ou analítica); pessoa gramatical; animacidade; tempo (futuro do presente ou do pretérito); modo; tipologia verbal; momento histórico.

A fundamentação teórico-metodológica é a da 'Teoria da Variação e Mudança lingüísticas'.

É importante salientar que, como a pesquisa está em andamento, os resultados são parciais.

COMPLEMENTOS DATIVOS E GENITIVOS NO PORTUGUÊS

Maria Aparecida C.r. Torres Morais (USP)

Neste trabalho vou apresentar uma análise das construções com dativo de posse no português, em contextos de predicados estativos como *admirar*, *ver*, *invejar*, *conhecer* e predicados dinâmicos que incluem verbos de atividade como *beijar*, *lavar*, etc. A expressão do dativo de posse pode se dar ou através de um DP introduzido por a [a-DP], ou pelo pronominal clítico, que se realiza como *lhe*, *lhes* na 3a pessoa. As duas possibilidades estão ilustradas em 1a-b abaixo:

1. a. O José lavou as mãos ao menino.
- b. O José lavou-lhe as mãos.

A partir destes fatos, mostro que as construções com dativo de posse distinguem-se por uma série de propriedades da construção genitiva exemplificada em 2:

2. O José lavou as mãos do menino.

Vou assumir uma particular visão do mapeamento dos argumentos na sintaxe, como proposta por Marantz (1993) e outros, e os desenvolvimentos propostos a partir de Pylkkänen (2002) e Cuervo (2003). Nesta visão particular, a estrutura do evento é um princípio organizador, de modo

que núcleos funcionais e DPs são as peças sintáticas que correspondem aos elementos da estrutura do evento, interpretados composicionalmente pela semântica. O estudo envolve ainda uma comparação entre o português europeu (PE) e português brasileiro (PB) no que diz respeito à baixa produtividade das construções com os dativos de posse de 3ª pessoa no PB coloquial.

GRAMÁTICA COMO GÊNERO: UMA REVISÃO DA REVISÃO

Giselle Chapanski (UFPR), Márcio Renato Guimarães (UFPR)

Durante um longo período de tempo dentro da história recente e recentíssima dos estudos da língua(gem) têm-se acumulado predicados ao sintagma nominal a gramática tradicional. Ora, assim como existe aquele truismo de se dizer que não é apenas por se repetir uma afirmação que se consegue fazer com que ela seja verdadeira, também se pode dizer que tal acumulação de predicados não garante que a natureza desse objeto seja de fato propriamente reconhecida. Partiremos da constatação de que os candidatos concretos apontados pela literatura (i.e., as gramáticas) diferem tanto entre si, e vêm diferindo entre si ao longo dos séculos, que a dificuldade em se encontrar um padrão comum leva nos a perguntar: (a) se existe um padrão e (b) de que ordem é esse padrão. A fim de entender o fenômeno que leva a atribuir-se a objetos tão distintos a mesma definição, analisaremos a factual contribuição de modelos “gramaticais” como o dos estóicos e de Dionísio da Trácia àquilo que ao longo da tradição ocidental se entendeu por gramática. Trata-se, na verdade, de um modelo de estudo lingüístico bastante híbrido e plural que tem, sem dúvida, pontos em comum verificáveis em suas manifestações ao longo da história. Isso caracterizaria a gramática antes como um gênero de produção textual do que como o mesmo instrumento meramente repetido, não renovado, de estudo da língua(gem).

O ESTATUTO DAS CONSTRUÇÕES MONOARGUMENTAIS NO PB: POR TRÁS DAS FREQUÊNCIAS

Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott (UFAM)

O propósito deste trabalho é investigar, a partir de testes e de resultados estatísticos (Coelho, 2000; Monguilhott, 2001; Costa, 2002; Martins, 2003 e Mafra, 2003), quais as restrições de inacusatividade no PB. Nossa perspectiva de análise tenta combinar a abordagem sociolingüística quantitativa (cf. Labov, 1972) com a análise abstrata do modelo de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky, 1981; 1986), levando em conta a leitura dos dados já mediada por uma interpretação teórica. Para atestar a inacusatividade, por exemplo, acreditamos que seja preciso mais do que uma teoria para explicar as mudanças que ocorrem na língua, é preciso também de dados que a comprovem. Nesse sentido, a frequência de uso é apontada como necessária para a compreensão do fenômeno em questão. A hipótese central deste trabalho é de que, através da frequência de uso, podemos afirmar que os verbos inacusativos, diferentemente dos verbos intransitivos, partilham das seguintes propriedades: (i) impossibilidade de derivações verbais com os sufixos em -dor; (ii) maior possibilidade de variação da ordem sujeito-verbo/verbo-sujeito; (iii) maior variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural; e (iv) maior variação da concordância em construções tradicionalmente conhecidas como passivas sintéticas (verbo + se). Todas essas propriedades estão sendo estudadas com a finalidade de contribuir para a rediscussão a respeito do caráter homogêneo ou heterogêneo das construções monoargumentais no PB.

OPERAÇÕES DE CONSTRUÇÃO E PROCESSOS DE PROJEÇÃO NA DESCRIÇÃO GRAMATICAL DO PORTUGUÊS

Antônio Suárez Abreu (UNESP)

Tem este trabalho o objetivo de demonstrar algumas aplicações da lingüística cognitiva a dados da língua portuguesa, a partir do ponto de vista expresso por Croft & Cruse (2004) de que a

linguagem humana não é uma faculdade cognitiva autônoma e de que a gramática é um processo de conceptualização. Meu propósito é, sobretudo, o de explorar algumas das chamadas operações de construção, vinculadas aos esquemas de imagem propostos por Lakoff, 1987, Johnson 1987, Lakoff & Turner, 1989 e Clauner & Croft, 1999. Explorarei, principalmente, as estruturas de esquematização (conceptualização de estruturas topológicas, meronímicas e geométricas de entidades e de suas partes componentes) e os sistemas de projeção. Os dados a que esses princípios se-rão aplicados serão as sintaxes de regência e concordância, polissemia e, tam-bém, o uso dos tempos verbais em Português.

UMA ANÁLISE (SÓCIO)LINGÜÍSTICA DAS CONSTRUÇÕES COM SE INDETERMINADOR NO PB: SOBRE FREQUÊNCIAS E PROBABILIDADES DE USO

Marco Antonio Martins (UFSC)

Pretendemos nesta comunicação apresentar uma análise sincrônica do processo de variação das construções de indeterminação com se no Português do Brasil, entendido como a possibilidade de alternância entre estruturas como (i) na universidade questiona-se verdades, (ii) na universidade se questiona verdades e (iii) na universidade a gente/você/tu questiona verdades, em duas amostras distintas: uma de língua falada, extraída do banco de dados do VARSUL, e outra de língua escrita, extraída de editoriais e de entrevistas da revista Veja (cf. Martins 2005). De acordo com os resultados estatísticos aqui apresentados, no processo de variação destas construções, duas gramáticas atreladas a distintos fatores sociais e lingüísticos parecem estar operando, de modo que a variante conservadora com se enclítico realizado foneticamente parece ceder espaço para a variante inovadora sem se (entendida aqui como aquelas estruturas com a realização de se indeterminador proclítico e com outros pronomes de valor não-referencial - tais como a gente, você, tu).